

## RELATO DE EXPERIÊNCIA DIANTE DO USO DA METODOLOGIA DE PROBLEMATIZAÇÃO DO ARCO DE MAGUIREZ: PROBLEMAS FRENTE AO ESPAÇO ESCOLAR, A DOCÊNCIA E A GESTÃO ESCOLAR

Lucas Vitor Baumgärtner<sup>1</sup>  
Flávia Bastos Stringari<sup>2</sup>  
Daniela Gonçalves Adriano<sup>3</sup>  
Natalia Bagattoli Pedron<sup>4</sup>

Recebido em: 31 out. 2023  
Aceito em: 14 nov. 2023

**RESUMO:** Este trabalho é um relato de experiência sobre a aplicação de um projeto de intervenção realizado mediante a metodologia da problematização do arco de Maguirez. O intuito foi desenvolver habilidades para realizar um projeto e também para modificar os problemas práticos encontrados na escola investigada. O objetivo deste estudo é tentar elucidar os desafios encontrados pelos pesquisadores mediante a observação da realidade por meio do arco de Maguirez. Quanto a metodologia, classificamos o estudo em sua abordagem como qualitativo, de objetivo exploratório, de natureza aplicada por meio de uma pesquisa de campo. O relato de experiência foi a técnica utilizadas para descrever o acontecido. Após a observação, consideramos três aspectos importantes a serem aprimoradas na escola, são elas: espaços ou ambientes, corpo docente e gestão escolar. Sobre elas, podemos destacar, A falta de comunicação entre professor-professor e professor-secretaria; A falta de exposição de trabalhos, paredes muito brancas e apáticas, sem troca de informações e atividades entre as salas e, para com os outros sujeitos da escola; Pouca área verde na escola, com 4 árvores ao todos e canteiros nas áreas abertas, mas sem nenhum espaço que contribua com lições mais intensas com meio ambiente e possam servir como lugar de relaxamento de estudantes e professores; A direção escolar não entra em contato com os estudantes, somente em situações conflitantes. Por fim, espera-se que a comunidade escolar possa refletir sobre a ação e modificar (se possível) a realidade para melhor.

**Palavras-chave:** Arco de Maguirez. Problematização. Problema.

## EXPERIENCE REPORT ON THE USE OF THE ARCO DE MAGUIREZ PROBLEMATIZATION METHODOLOGY: PROBLEMS FACING THE SCHOOL SPACE, TEACHING AND SCHOOL MANAGEMENT

**ABSTRACT:** This work is an experience report on the application of an intervention project carried out using a Maguirez arch problematization

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí. UNIVALI. <https://orcid.org/0000-0001-9888-530X>. [lucasvbaumgartner@gmail.com](mailto:lucasvbaumgartner@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Regional de Blumenau. UNISOCIESC. [flavinha\\_sc1@hotmail.com](mailto:flavinha_sc1@hotmail.com).

<sup>3</sup> Mestra em Educação pela Universidade Regional de Blumenau. FURB. <https://orcid.org/0000-0001-5760-9480>. [danieluizadriano@gmail.com](mailto:danieluizadriano@gmail.com).

<sup>4</sup> Mestra em Educação pela Universidade Regional de Blumenau. FURB. [profnataliapedron@gmail.com](mailto:profnataliapedron@gmail.com).

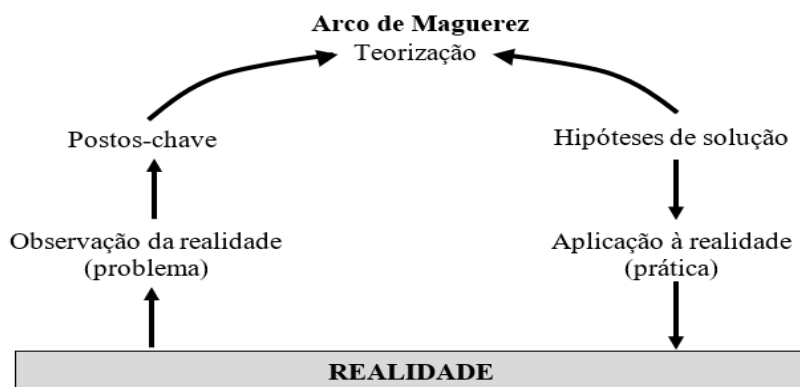
methodology. The objective was to develop skills to carry out a project and also to modify the practical problems encountered in the school investigated. The objective of this study is to try to elucidate the challenges encountered by researchers through the observation of reality through the Maguerez arc. Regarding the methodology, we classify the study in its approach as qualitative, with an exploratory objective, applied in nature through field research. The experience report was the technique used to describe what happened. After observation, we considered three important aspects to be improved in the school, they are: spaces or environments, teaching staff and school management. About them, we can highlight, The lack of communication between teacher-teacher and teacher-secretary; The lack of exhibition of work, very white and apathetic walls, no exchange of information and activities between rooms and, with other school matters; Little green area at the school, with 4 trees in total and flowerbeds in the open areas, but without any space that contributes to more intense lessons with the environment and can serve as a place for students and teachers to relax; The school management does not contact students, only in conflicting situations. Finally, I hope that the school community can reflect on the action and change (if possible) reality for the better.

**Keywords:** Maguerez Arch. Problematization. Problem.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como base a metodologia da problematização desta forma, é lançado um olhar crítico sobre a realidade escolar, a partir desta observação emergem situações ou inquietações por parte do observador. Ao analisar estas situações percebe-se que existem elementos fundantes para as problemáticas levantadas. Assim delimita-se os pontos-chave do problema observado, seguindo para a compreensão da teorização que contribui com o processo de aprendizagem e resolução do problema foco. Utilizando de conceitos da literatura lida se inicia a etapa de elaboração de hipóteses de solução, seguida pela aplicação à realidade.

Imagem 1 - Arco de Maguerez



Fonte: dos autores (2023) adaptado de Maguerez (1960).

Desta forma a metodologia da problematização se inicia na realidade e volta-se a ela. Contudo no exercício aqui proposto chegaremos até a elaboração de hipóteses, sem voltar a realidade aplicando nossas ideias. Este exercício colabora para a compreensão de realidade, teoria e prática. Aproxima nossos conhecimentos da experiência escolar e traz sentido para as aprendizagens construídas dentro do mestrado. Além de estimular a nossa reflexão para com a realidade, esta atividade colabora para pensarmos nossas práticas dentro da sala de aula.

A realidade que buscamos observar neste trabalho foi na Escola de Educação Básica Giovani Trentini, localizada na cidade de Rio dos Cedros – SC. A cidade de Rio dos Cedros possui 10.865 habitantes (IBGE/ 2012) com território de 555,473 km<sup>2</sup>, sendo assim é uma cidade pequena, com 19,56 hab./km<sup>2</sup>, baseada fundamentalmente em atividades rurais.

Imagem 2 - Imagem satélite da escola Giovani Trentini em Rio dos Cedros - SC



Fonte: Google Maps (2023).

Conforme dados disponibilizados pela escola Giovani Trentini ela possui 365 estudantes do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano, sendo a única escola do município que disponibiliza o Ensino Médio com 339 alunos, sendo 21 estudantes com necessidades especiais. Desta forma totalizam 704 estudantes durante os períodos matutino, vespertino e

noturno.

Imagem 3 - Logo e fotografia da EEB Prof. Giovanni Trentini



Fonte: Facebook da Escola Giovanni Trentini (2023).

Durante a observação da escola nós, como grupo, encontramos algumas inquietações que levantaram discussões, algumas das nossas observações serão descritas a seguir. Assim percebemos: A falta de comunicação entre professor-professor e professor-secretaria; A falta de exposição de trabalhos, paredes muito brancas e apáticas, sem troca de informações e atividades entre as salas e, para com os outros sujeitos da escola; Pouca área verde na escola, com 4 árvores ao todos e canteiros nas áreas abertas, mas sem nenhum espaço que contribua com lições mais intensas com meio ambiente e possam servir como lugar de relaxamento de estudantes e professores; A direção escolar não entra em contato com os estudantes, somente em situações conflitantes.

Pouca utilização de outros espaços de educação, sendo estes muito bem equipados, como: Laboratório de Ciências Naturais; Laboratório de informática; Biblioteca; Teatro; Praças dentro da escola; Mesas e cadeiras que estão disposta fora da sala de aula; Lugares fora da instituição escola.

Esta última questão observada levantou mais inquietações por parte do grupo, sendo assim selecionamos esta como problemática para este trabalho. A seguir será discorrido mais especificamente o problema investigado.

Sendo assim, tomamos como problema deste estudo a Ociosidade na utilização de diferentes espaços educacionais na Escola de Educação Básica Giovanni Trentini em Rio dos Cedros - SC.

Por meio destas considerações descrevemos a seguir os pontos chave das causas deste problema. Durante nossa reflexão perante o problema selecionado delimitamos dois eixos de análise que concebem as causas da problemática. Desta forma, cada eixo é subdividido por pontos-chave que correspondem as discussões e teorizações sequentes e, são nosso foco ao elaborarmos hipóteses de soluções.

Compreendemos que estes dois eixos tencionam um ao outro, mas é por meio deles que podemos propor mudanças. Os três eixos e seus pontos-chave são:

Tabela 1 - Pontos-chave das problematizações encontradas

<b>Causa</b>	<b>Justificativa</b>		
Espaço escolar	Sistema político de organização dentro do espaço escolar.		
Docente	Experiência/conhecimento (formação - cultura);	Planejamento (tempo/calendário);	Motivação (inércia).
Gestão escolar	Motivação por parte da coordenação/direção para utilização dos espaços (investimento em formação, incentivo partindo também da formação deste gestor).		

Fonte: dos autores (2023).

Em sequência buscamos teorizar as causas da ociosidade na utilização de diferentes espaços educacionais na Escola de Educação Básica Giovani Trentini em Rio dos Cedros - SC.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Dussel e Caruso (2003), refletem que a educação não se ocupa somente das situações de ensino e transmissão do conhecimento que se julga ter, a educação inclui preceitos com relação a maneira de viver, de pensar e de se transformar. Assim, a educação não termina nunca, segundo os mesmos autores e, portanto, precisa ser criativa e inovadora. A utilização de diferentes, práticas e espaços que desenvolvam a aprendizagem é uma alternativa geradora de oportunidades para se aprender. A educação é uma experiência cotidiana que não surge na escola, mas que se aperfeiçoa nela.

O autor acima corrobora com o pensamento freiriano que afirma que a educação é uma ação cultural, coletiva, interpretativa com leitura de mundo capaz de dialogar que pode levar para a libertação ou para a opressão. Aprende-se quando se relaciona com o mundo. A escola é um produto cultural que precisa ser ressignificada periodicamente.

A utilização dos espaços escolares além da sala de aula contribui no contexto desta educação libertadora e interessante para os alunos, há certamente muitos debates históricos e epistemológicos com respeito ao adestramento do aluno e do professor em relação ao uso da sala de aula como único espaço capaz de educar e

assim trata-se de um paradigma cultural empregando. Repensar estes espaços é permitir -se trilhar outros caminhos para as práticas educativas.

Deste modo, entender as relações e vivências em todos os espaços do ambiente escolar, na tentativa de mostrar o quanto eles podem influenciar no processo educativo do aluno é de fundamental importância para a reflexão acerca da prática cotidiana nas escolas, reforçando que educar vai muito além de livros, cadernos e do tradicional ambiente da sala de aula.

Faz-se necessário ainda, considerar a escola apenas como um dos espaços possíveis para educação. A visão de escola vai se transformando com o tempo, mas mesmo diante das inúmeras mudanças que vêm ocorrendo neste ambiente, ela continua se caracterizando como um espaço de reprodução de conhecimentos, e não um lugar em que os conhecimentos, as aprendizagens e as experiências sejam uma construção dos próprios alunos com o “aprender fazendo” (SCHLICKMANN; SCHMITZ, 2023).

Ou seja, nesse espaço dedicado ao “ensino”, nem sempre o diálogo, a interação e a aprendizagem estiveram “ligadas” ao processo de educar. Ao longo da história, acabaram surgindo pequenas escolas, que tinham a função de “ensinar”. Sabe-se que essas apenas transmitiam os conhecimentos, ao invés de mediá-los através dos espaços. Sua educação era voltada para uma proposta não muito distante da nossa realidade, se comparado a educação que vem sendo oferecida em nossas escolas.

São as chamadas “escolas tradicionais” nas quais:

O professor acredita que ele, como adulto, já descobriu as “verdades” sobre o mundo, as pessoas, as ideias... e precisa em sua função de expectador e animador fazer com que o aluno descubra estes conhecimentos. O professor assume, assim, a condição de modelo e referência para seus alunos, que na categoria de aprendizes precisam imitar seu mestre para aprender (SCHMITZ, 2006, p. 78).

Dentro desta concepção de educação pensamos no significado de espaço conceituado pela Geografia foi sendo alterado com o passar do tempo, este passou de representar somente uma paisagem, concebendo hoje também a dimensão social deste lugar, desta forma o espaço foi recebendo (re)significações. Compreende-se que o espaço está “impregnado de signos, símbolos e marcas de quem o produz, organiza e nele convive, por isso tem significações afetivas e culturais” (RIBEIRO,

2004, p. 84).

Compreendemos que todo o território escolar é constituído por **espaços** que motivam a interação entre os sujeitos, para que (re)signifiquem o conhecimento e desenvolvam um processo íntegro de aprendizagem. Sendo assim, para Agustín Escolano (apud Viñao, 1995), o espaço educacionais não é uma dimensão neutra do ensino ou uma estrutura vazia da educação, mas sim uma realidade que possibilita a aprendizagem, interiorização de comportamentos e representações sociais. Assim, o espaço escolar atua como elemento destacados na construção social (e histórica) da realidade do aluno (FILHO; VIDAL, 1985). Além disto, os espaços devem colaborar para o desenvolvimento crítico, autônomo e ativo dos estudantes, estabelecido por práticas docentes contextualizadas, que buscam novos aspectos da educação como meio para a inovação educacional.

Conforme Ribeiro (2004, p. 85):

O espaço escolar deve compor um todo coerente, pois é nele e a partir dele que se desenvolvem a prática pedagógica, sendo assim, ele pode constituir um espaço de possibilidades ou de limites; tanto o ato de ensinar como o de aprender exigem condições propícias ao bem estar docente e discente.

Desta forma compreende-se que, pelas demandas atuais referentes às necessidades da contemporaneidade, novas formas de educação sejam estabelecidas dentro de diferentes espaços educacionais que envolvem a escola, trazendo sentido para o processo de aprendizagem. Sendo assim, Freire (1987, p. 54) nos diz que nesta perspectiva, a construção dos sujeitos “[...] no espaço escolar, com suas subjetividades, pluralidades e embates. É a construção de espaços comunicativos de socialização, solidariedade e respeito às diferenças que asseguram uma obra ética, construtiva e solidária às vivências escolares”.

## **METODOLOGIA**

Como projeto de ação pretende-se trabalhar com a teoria emancipadora e dialógica, defendida por Paulo Freire para construção das estratégias de ação. Para Freire o processo de aprendizagem deve ser sustentado nas práticas dialógicas e por consequência emancipadoras. Entende-se necessário o diálogo que não impõe ou obriga pensamentos e ações, mas que permite que o outro se aproprie de saberes autênticos construídos neste mesmo processo de aprendizagem.

Por consequência de uma educação dialógica o indivíduo se emancipa na capacidade de pensar, refletir e agir, na busca de uma compreensão maior de mundo e de sua existência. Neste sentido, para Freire (1987, p. 29) descreve que, “[...] ninguém liberta ninguém e ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Ou seja, para que o aluno aprenda e torne-se autônomo na construção do seu conhecimento é necessário que haja um diálogo entre professor/aluno e o resultado disso será a emancipação.

A ação proposta se dará na escola de Educação Básica Giovani Trentini, na Cidade de Rio dos Cedros - SC. Será desenvolvida uma roda de conversa com os professores, gestores e representantes da escola inseridos no grêmio estudantil, para a etapa de apresentação do problema e possíveis causas acerca deles.

Neste momento busca-se envolver os docentes e gestores nas ações apresentadas com o intuito de fazê-los participar ativamente da construção e possíveis hipóteses da resolução do problema, entendendo a importância de considerar e conhecer o que a escola pensa e de confrontar possíveis divergências nas percepções dos diferentes sujeitos. É a troca de saberes e experiências que proporciona uma educação dialógica.

A investigação terá como instrumento metodológico a roda de conversa, pois este instrumento abre espaço para que os indivíduos envolvidos no processo estabeleçam um espaço de diálogo e interação no contexto escolar, ampliando sua compreensão sobre si e sobre o outro. Como destaca Barbosa e Horn (2008),

[...] a construção de um campo dialógico e democrático, no qual a criança ganha vez e voz, mas que não fala sozinha, já que o adulto, parceiro e sensível às suas necessidades, estão com ela em diferentes momentos. Reconhece-se a criança como sujeito de direitos e ativos na construção de conhecimentos [...]. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 33).

Mediante a construção coletiva da intervenção, inicia-se então a segunda etapa que trata da execução das ações descritas abaixo. Para a execução da ação foram escolhidos docentes, gestores e os alunos inseridos no grêmio estudantil que representam a escola em nível discente.

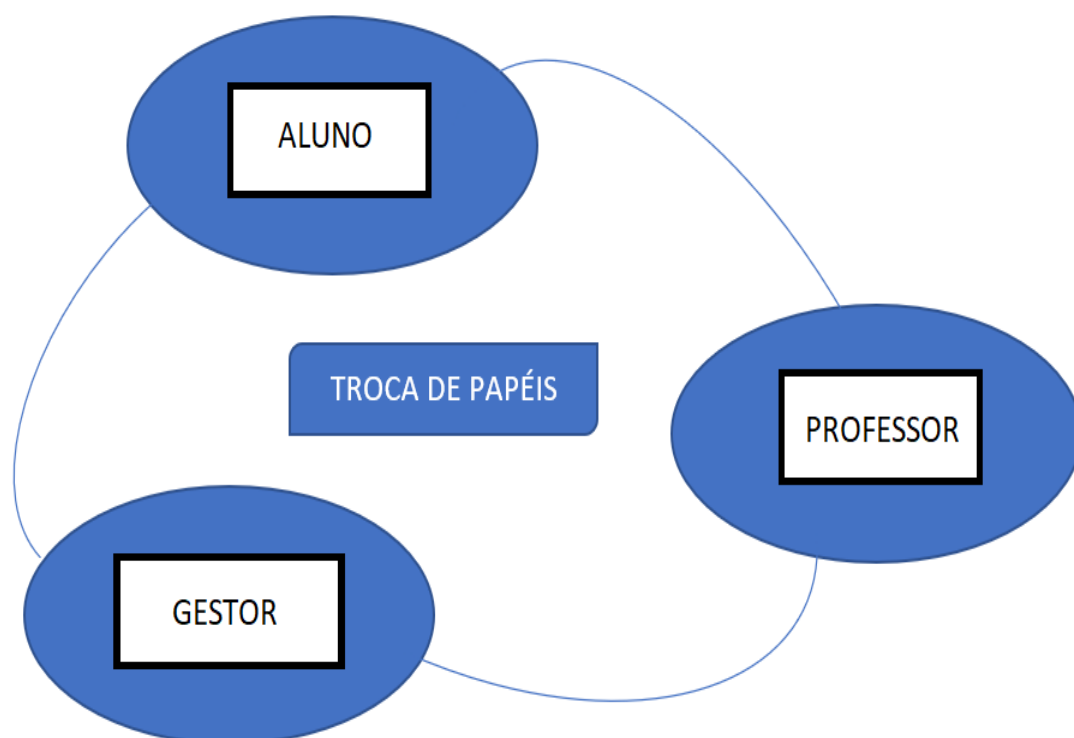
Como estratégia de intervenção o grupo trará uma ideia semiestruturada que se completará a partir da troca de saberes e experiências oriundas da roda de conversa.

A proposta de ação será uma “troca de papéis” (Figura 1) executada em



oficinas, que objetiva levar os sujeitos envolvidos (docente, aluno e o gestor) a vivenciar a realidade cotidiana de cada um nos diferentes espaços escolares, na qual o professor torna-se aluno-gestor, o aluno torna-se professor-gestor e o gestor, torna-se professor-aluno.

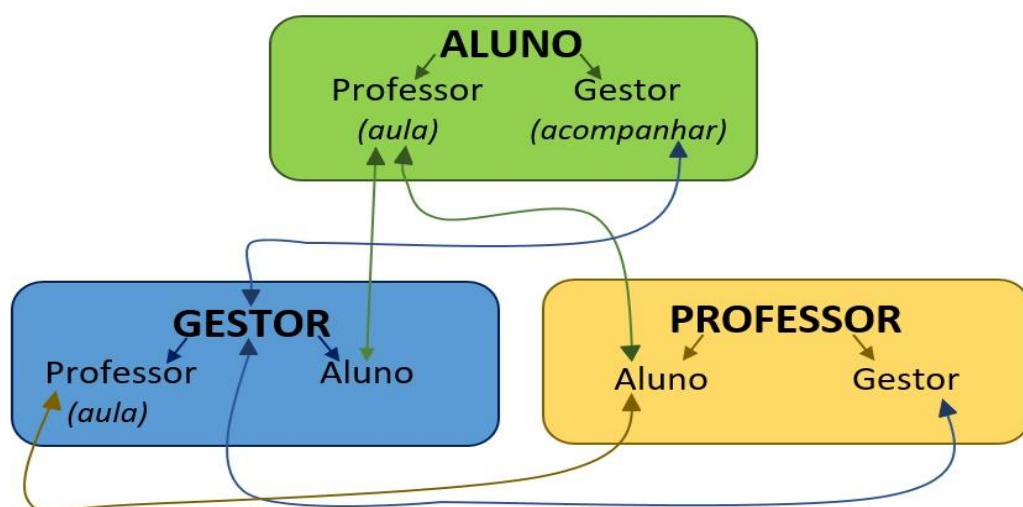
Figura 1 - Troca de papéis



Fonte: os autores (2019).

A experiência será vivida um dia para cada sujeito, na seguinte ordem: Aluno como professor: planeja uma aula com tema escolhido por ele mesmo que deverá ser executada em diferentes espaços escolares: laboratório de ciências naturais, biblioteca, teatro, pátio da escola/prça e sala de aula, para seus docentes e gestor; Aluno como gestor: acompanha o gestor em sua rotina de trabalho e demanda de agenda; Professor como aluno: participa das aulas ministradas pelo aluno e gestor; Professor como gestor: acompanham o gestor em sua rotina de trabalho e demanda de agenda; Gestor como aluno: participa das aulas ministradas pelo aluno; Gestor como professor: planeja uma aula com tema escolhido por ele mesmo que deverá ser executada em diferentes espaços escolares: laboratório de ciências naturais, biblioteca, teatro, pátio da escola/prça e sala de aula, para seus docentes. Como pode ser compreendido pela Figura 2.

Figura 2 – Dinâmica das oficinas



Fonte: dos autores (2023).

Após as oficinas o grupo se reúne com os sujeitos para fechamento e tomada de consciência da importância do uso dos espaços escolares como recurso de aprendizagem. A conversa será norteada pelos seguintes critérios: A importância da utilização dos diferentes espaços utilizados no processo de aprendizagem; As experiências na troca de papéis.

A reflexão deve se apoiar na importância da troca de papéis como forma de conscientização para a utilização dos diferentes espaços. Levando em consideração as causas do problema trabalhado tem-se neste momento a oportunidade de ouvir os diferentes envolvidos em papéis invertidos, reconhecer as fragilidades e motivações de cada um e por fim construir e propor, a partir da vivência, uma educação inovadora que liberta e transforma a mente, que experimenta diferentes realidades e espaços em busca da emancipação entre todos os envolvidos.

Tabela 3 - Cronograma para execução das ações

Data prevista	Atribuições	Tempo de duração
02/12/2022	Roda de conversa	7h30min até 11h30min
04/12/2022	Oficina 1	7h30min até 11h30min
05/12/2022	Oficina 2	7h30min até 11h30min
06/12/2022	Oficina 3	13h até 17h
09/12/2022	Tomada de consciência	7h30min até 11h30min

Fonte: dos autores (2023).

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A educação que conhecemos hoje esquece da variedade de possibilidades educacionais interligadas as diferentes experimentações em diversos espaços e se converte a pensar em uma educação fixa na escola, como a instituição de educação que transmite saberes aos alunos pouco conhecedores. Sendo assim, o espaço escolar se torna o lugar da educação, mas que contempla uma educação de disciplina, uma educação de memorização, uma educação de poucos significados para os estudantes que ali permeiam. Este espaço escolar, delimitado mais ainda pela sala de aula, reduz a aprendizagem e prende os alunos a um contexto inerte de partilhas.

Ao refletir sobre esta forma de pensar educação, convêm se questionar, qual o telos deste formato de educação? Qual a finalidade de tanta limitação? Qual o sentido de tanto confinamento?

Buscando responder estas perguntas percebemos que esta ideia de educação acaba por moldar os corpos, controlar os comportamentos mediante a constante vigia, hierarquização, exercício de poder e dominação. Podemos compreender este dispositivo disciplinar ao transpor as ideias de Foucault descritas em sua obra *Vigiar e Punir*:

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos (FOUCAULT, 1987, p. 221).

Esta escola, com visão de espaço único de educação, limita os pensamentos para que os seres ali viventes se tornem uma massa só, facilmente identificada e controlada. Um espaço no qual seu sistema condiciona, não só os estudantes, mas também professores, gestão e demais funcionários a se adequar ao que é imposto por idealismos. Mas qual o ideal? Existe um ideal para tudo? O que significa ideal para a educação? É necessário existir um ideal? Se todos somos diferentes entre si, qual a finalidade deste ideal?

Sozinho o fechamento e separação, que é a base da disciplina, não chegam ao

seu propósito, somente através da divisão regional ou compartimentação interna (GIDDENS, 2003). Só é possível a produção de um corpo dócil por meio da distribuição destes corpos em um espaço. Onde cada qual tem seu lugar, alunos com sua carteira na sala de aula, a sala de aula para estudar, sala dos professores, secretaria, direção - há lugar para falar, outro para brincar, espaço para comer, outro para ler, local para estudar, outro para trabalhar, lugar para se divertir, outro para dormir. As ações dentro de caixas fechadas estabilizam as pessoas a pensarem dentro de caixas, na qual visão inovadora acaba ao avistar uma parede, fixa-se o olhar nos muros de pedra que separam nossos pensamentos.

Deste modo, o sistema mantém as pessoas refletindo o comportamento desejado automaticamente, sem força, sem constante vigia, “por meio de um poder onipresente e onisciente” (FOUCAULT, 1987, p. 221). Estes espaços transmitem ordem e organização, como se busca-se aflorar o melhor das pessoas que ali passam, contudo é formado por uma rede múltipla de elementos diversos que exerce um poder de normalização. Além disto, o conceito de heterotopia de Foucault, destacando o sexto princípio descrito pelo autor, estabelece relações com os espaços aqui discutidos. As heterotopias:

[...] têm o papel de criar um espaço de ilusão, que denuncia como mais ilusório ainda todo o espaço real, todas as alocações no interior das quais a vida humana é compartimentada [...] Ou então, ao contrário, o papel das heterotopias é criar um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem arranjado quanto o nosso é desordenado, mal disposto e bagunçado (FOUCAULT, 2013, p. 118).

Percebe-se que os espaços educacionais buscam transpor as melhores intenções para com os estudantes, contudo condicionados invisivelmente ao sistema que percorre, se expressa de várias maneiras outras, que promovem a produção de uma massa que mesmo sem o poder disciplinar em constante atuação continua presa nesta situação de poder. A não utilização de outros espaços escolares exemplifica essa maquinaria de dominação, devido a educação se fixar na escola e fechar-se dentro da sala de aula.

Sendo assim, voltamos a refletir que a finalidade na qual a escola atual foi proposta está sendo alcançada, de modo que aliena as pessoas que perpassam por seus caminhos.

Professores, gestão e até os estudantes continuam a pensar na educação entre

muros e para pensar diferente requer quebrar essas engrenagens que comandam nossas mentes, procurando novas formas e espaços que contribuam para uma real aprendizagem significativa. Compreendemos que a ação de educar não está fechada dentro de paredes, não surge em lugares rodeados por muros, não é sinônimo de um local – recinto – ambiente, não se refere a uma edificação. Entendemos que a educação surge da interação, na troca, na partilha, dos movimentos entre pessoas, nas diversas experiências vividas. Os espaços aqui colaboram para compartilhar experiências entre as pessoas, estes espaços abrem ‘espaços’ para novas formas de pensar e crescer, espaços diversos que revelam singularidades de cada um, espaços que comunicam histórias e significados.

Entende-se que o movimento pedagógico entorno da escola gera aprendizagem e numa perspectiva freireana a utilização de temas geradores, impulsiona a troca de saberes através do diálogo que respeita as diferenças de cada sujeito cognoscente em suas visões de mundo próprias, gerando conhecimento e aproximando o aluno da realidade. Para que isto ocorra, faz-se necessário o engajamento, entendimento e habilidade do docente, visto como um dos agentes causais do problema em questão.

Oliveira (2009), considera o papel do professor no processo ensino-aprendizagem como mediador e gerenciador do conhecimento, e não no papel de transmissor de informações. Os conteúdos ministrados em sala de aula ou fora dela devem ser contextualizados, considerando-se a experiência de vida do aluno e seu conhecimento de mundo. Conhecer o aluno deve fazer parte da sua prática docente educativa da escola, respeitando as diferenças e o limite de cada um. O professor deve atuar de forma que leve o educando a pensar, criticar e questionar produzindo conhecimento. É enfatizado, também, que a escola não é a que detém o saber, mas a que intervém no processo pedagógico ampliando o conhecimento com base no diálogo e nas transformações sócio-político-culturais do mundo.

Assim, compreende-se o desafio cotidiano deste docente em tornar sua aula atrativa, engajadora e capaz de transformar o aluno pelo conhecimento. Os espaços educacionais que vão além da sala de aula devem ser utilizados como ferramenta para esta construção. E por que não são?

Nóvoa (2001), em uma de suas entrevistas diz que o professor se forma na escola e nos leva a entender que a formação inicial deste docente, bem como sua cultura o constrói como indivíduo formador, ou seja, para este professor praticar

metodologias e utilizar espaços que estão além do que é tradicional ele deve ter vivido esta experiência em sua formação, deve acreditar nesta proposta e manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino para desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes em diferentes espaços.

O resgate das experiências pessoais e coletivas é a única forma de evitar a tentação das modas pedagógicas. Ao mesmo tempo, é preciso combater a mera reprodução de práticas de ensino, sem espírito crítico ou esforço de mudança. É preciso estar aberto às novidades e procurar diferentes métodos de trabalho, mas sempre partindo de uma análise individual e coletiva das práticas e seus espaços.

A experiência do professor e sua habilidade/conhecimento em propor novas maneiras de “ensinar” é considerada aqui como um dos principais desafios da profissão do educador, entendendo que o equilíbrio entre a inovação e a tradição é difícil.

Outro fator considerável para a execução das práticas inovadoras em diferentes espaços e métodos, trata-se do tempo (hora-aula) de planejamento docente, ou seja, a construção e organização do que se quer fazer como objetivo de aprendizagem, como as evidências desta aprendizagem serão avaliadas, qual método será escolhido e em qual ambiente se executará esta aula.

É compreensível que propor novos espaços de aprendizagem e novos métodos demanda tempo tanto no planejamento como na execução, o que na maioria das vezes é usado como justificativa para que a mudança não ocorra.

Segundo Scholochuski (2017), a hora-aula é um mecanismo de políticas educacionais para melhorar a qualidade de ensino ofertado à população docente, que não deve ser vista como um benefício para os professores, ao contrário, deve favorecer à reflexão e a troca de saberes entre os pares garantindo o crescimento intelectual e a inovação.

Ainda entre as causas docentes que justificam o ócio na utilização de diferentes espaços educacionais encontra-se pôr fim a motivação deste profissional. O professor é formado para ser o agente motivador do processo de aprendizagem, e segundo Moran (1997, p. 1) tem papel fundamental na educação, com atitudes de busca à inovação, instigando a aprendizagem, promovendo a abertura aos novos processos de acessar o conhecimento, estimulando-os a conhecer e aprender.

Um professor espera-se, em primeiro lugar, que seja competente na sua

especialidade, que conheça a matéria, que esteja atualizado. Em segundo lugar, que saiba comunicar-se com seus alunos, motivá-los, explicar o conteúdo, manter o grupo atento, entrosado, cooperativo, produtivo... As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectualmente e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos (MORAN, 1997, p. 1).

Para gerar motivação é necessário estar motivado. A motivação é necessária não apenas para que a aprendizagem ocorra, mas também para que sejam colocados em ação os comportamentos e habilidades aprendidos. Na prática docente não é diferente. A motivação é uma condição intrínseca do indivíduo que o motiva para fazer ou permanecer fazendo alguma coisa. Portanto, o docente manter-se motivado depende de uma série de fatores e condições que conseqüentemente repercutem em sua prática.

A gestão é um dos agentes fundamentais na motivação docente, o papel do coordenador/diretor é também tirar o professor da inércia e lançá-lo no desafio da transformação e inovação.

O coordenador pedagógico ou gestor pedagógico é também responsável pela motivação de seus professores, seus afazeres com as metodologias e espaços educacionais disponíveis para utilização e práticas. O gestor pedagógico é o mediador das decisões pedagógicas internas da escola, ou seja, a partir das ideias dos professores o coordenador irá planejar, organizar e dirigir a escola. Diante disso, a tarefa primordial do coordenador é possibilitar atividades pelas quais se mobilizam meios e procedimentos para atingir os objetivos de aprendizagem e da organização da escola (OLIVEIRA; VASQUES-MENEZES, 2018, p. 871).

Embora os professores façam parte de um grupo, por vezes, realizam um trabalho muito solitário, enfrentando pequenas “batalhas” sozinhos e muitas vezes encaram toda uma jornada nesta condição. Para que o professor se sinta motivado e parte de algo maior, é importante que os gestores se mostraram parceiros desses profissionais atuando como uma rede de apoio, criando condições em que os docentes possam estreitar laços entre si amenizando os efeitos do isolamento. Nesta situação cabe destacar a importância de uma gestão democrática e dialógica entre professores e gestores. Neste sentido, a participação dos professores nas decisões pedagógicas da escola faz-se necessária e a participação da gestão no planejamento docente contribui para que se tenha recursos técnicos, científicos e estruturais

disponíveis.

Contudo, é certo afirmar que a motivação do docente não passa apenas pelas mãos da gestão escolar, pois o professor atua diretamente com alunos em sala e, eles são os primeiros a demonstrar certa valorização e apreço pela didática docente ou não. Podemos aferir isso diante da motivação de um professor que propõe a utilização de diferentes espaços de uma escola para lecionar e há a possibilidade de os alunos aceitarem ou recusarem a ideia proposta. Pois alguns alunos podem, por exemplo, ter conceitos pré-formados, considerando, aula com conteúdo disciplinares, aquelas que acontecem quando estamos em um ambiente chamado sala de aula. Outra questão que tem como foco o aluno é o caso da indisciplina em sala de aula, um comportamento que preocupa os professores no que diz respeito ao nível da relação professor-aluno ou ao nível do desenvolvimento da própria aprendizagem do discente. A desconsideração e o desrespeito podem gerar efeito sobre o ânimo do docente, pois indiretamente poderá comprometer sua autoestima, levando a um sentimento de impotência perante situações de indisciplina.

Quando a isto Carita e Fernandes (1997, 15), afirmam que:

A indisciplina dos alunos perturba os professores, afetando-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente têm que se confrontar... A indisciplina é uma situação em que frequentemente os professores se sentem desconsiderados, desprezados, questionados enquanto pessoas.

Evidente que muitos são os desafios encontrados pela gestão e pelo docente em uma instituição de ensino, contudo conseguir situar os problemas desta instituição pode e saber administrá-lo pode impulsionar os profissionais a desenvolver seu ofício com maior qualidade e leveza. É importante acrescentar que, o professor pode e deve olhar atentamente para os espaços escolares, pois tem a oportunidade de inovar esta prática, descobrindo novas alternativas para o seu trabalho, ampliando sua prática pedagógica.

A utilização de espaços educacionais pelos professores é por vezes esquecidas, porém necessárias para a diversificação do trabalho do docente. O coordenador precisa estar motivado e participar na construção do planejamento dos professores, a fim de pensarem juntos como utilizar os espaços “esquecidos” da escola. Além dos espaços, importante também é tarefa do coordenador ofertar formações para os professores, auxiliando nesse processo de inovação. Nessa



perspectiva, o desempenho do professor acontece positivamente muitas das vezes pelo ambiente e a motivação extrínseca por parte dos profissionais da escola. O professor, como qualquer outra profissional de qualquer área precisa sempre estar em profunda atualização, ou seja, precisa estar em formações. continuadas e em reuniões constantes com o coordenador, com o propósito de inovar no ambiente escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busca-se com as ações executadas, desenvolver nos diferentes sujeitos, cada um em seu papel, a consciência acerca da importância dos diferentes espaços escolares no processo de aprendizagem. Pretende-se que tal consciência transcenda o convencimento formal em palavras e construa, nas experiências, uma nova forma de pensar educação.

## REFERÊNCIAS

CARITA, Ana; FERNANDES, Graça. **Indisciplina na sala de aula: como prevenir? Como remediar?** v. 5, Editora Presença, Viséu, 1997.

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar.** São Paulo: Moderna, 2003. 255p.

FILHO, Luciano Mendes de Faria; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Coralina (GO), 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos avançados**, v. 27, n. 79, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Editora Vozes, Petrópolis, 1987.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a Internet na educação.** Ciência da Informação, v. 26, n. 2, mai. 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ci/a/PxZcVBPnZNxv7FVcHfgMNBg/#>>. Acesso em: 30 de out. 2023.

NÓVOA, Antônio. Professor se forma na Escola. **Nova Escola on-line**, n. 142, mai.,

2001.

OLIVEIRA, Wilandia Mendes de. UMA ABORDAGEM SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM. **Revista INESUL**, 2009.

OLIVEIRA, Ivana Campos; VASQUES-MENEZES, Ione. Revisão de Literatura: o conceito de gestão escolar. **Cadernos de pesquisas**: São Paulo - SP, v.48, n. 169, p. 876-900 jul./set. 2018.

RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço escolar um elemento (in)visível no currículo. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 31, p. 103-118, jul./dez. 2004. Disponível em: <[http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco\\_escolar.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2023.

SCHMITZ, Lenir Luft. Paradigmas do conhecimento: os percursos e descaminhos da educação ao longo da história. **Revista Divisa**, Fai Faculdade de Itapiranga. n. 4, v. 3, p. 77-82. jul./dez, 2006.

SCHOLOCHUSKI, Virginia do Carmo Pabst. **Discutindo a hora-atividade dos professores através de um breve levantamento bibliográfico**. In: Anais do Educere - XIII Congresso Nacional da Educação, 2017.

SCHLICKMANN, Luciane; SCHMITZ, Lenir Luft. **DA ESCOLA TRADICIONAL À ESCOLA CONTEMPORÂNEA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR**. Trabalho de conclusão de curso apresentado a FAI Faculdades para obtenção do título de pedagoga. 2023.

VIÑAO Frago, A. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, p. 63-82, 1995.